

## UM SEGUNDO CONFLITO DAS FACULDADES

A SECOND CONFLICT OF THE FACULTIES

Pauline Clochec\*

**RESUMO:** A esquerda hegeliana e o jovem hegelianismo tardio nasceram tanto como um projeto teórico quanto como uma tentativa de implementar essas teorias politicamente. Assim, os membros desses movimentos buscaram ganhar uma posição hegemônica nas esferas acadêmicas com a finalidade de promover suas teorias. Essa tentativa teve lugar nas faculdades de filosofia, de teologia e de direito, nas quais eles tinham por objetivo combater os anti-hegelianos bem como os conservadores políticos e religiosos. Esse projeto acadêmico falhou, o que compeliu os jovens hegelianos a repensar suas próprias teorias e a radicalizar suas posições políticas, dali em diante posicionadas fora do Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Vormärz*, Universidade, G. W. F. Hegel, I. Kant, K. Marx

**ABSTRACT:** The Hegelian Left and late Young Hegelianism were born both as a theoretical project and as an attempt to implement these theories politically. Thus, the members of these movements sought to gain a hegemonic position in academic spheres in order to promote their theories. This attempt took place in the faculties of philosophy, theology, and law, where they aimed to combat the anti-Hegelians as well as the political and religious conservatives. This academic project failed, which compelled the Young Hegelians to rethink their own theories and radicalize their political positions, from then on positioned outside the State.

**KEYWORDS:** *Vormärz*, University, G. W. F. Hegel, I. Kant, K. Marx

A universidade é um dos lugares centrais dos debates e das lutas políticas no espaço germânico do *Vormärz*. Essa centralidade faz com que a obtenção de um cargo, bem como de uma posição dominante para uma corrente ou disciplina na universidade, se tornasse uma questão política decisiva. Essa rivalidade se dá ao mesmo tempo entre as diferentes faculdades que constituem à época a universidade alemã, e no interior delas. É uma situação em parte similar a que Kant havia descrito em 1798, em *O conflito das faculdades*. Inscrever a questão do caráter próprio da filosofia em uma luta intra-universitária permitia que Kant defendesse uma concepção determinada da filosofia, enquanto crítica, como também uma certa linha política, justificada por uma interpretação da situação histórica em sentido amplo. Essa correlação entre posição da filosofia na universidade, posicionamento político, filosofia da história e a avaliação da

---

\* *Maîtresse de conférences* em filosofia moral e política na Universidade de Picardie, Amiens. E-mail: pauline.clochec@u-picardie.fr. Tradução de Lutti Mira, doutorando em Filosofia na FFLCH-USP. E-mail: luttimira@gmail.com. Bolsista FAPESP: processo nº 2020/16260-5. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4952-4895>.



época atual nessa história constitui uma herança para os filósofos do *Vormärz*, que sempre associam essas diferentes dimensões. Uma tal associação é particularmente proeminente nos hegelianos de esquerda, de 1835 até 1840, e depois disso nos jovens hegelianos, a partir de 1841. Essa herança kantiana não se dá, contudo, sem descontinuidade. Ela é, em primeiro lugar, contextual: enquanto Kant escrevia no contexto da recepção alemã da revolução francesa, os hegelianos de esquerda, e depois disso os jovens hegelianos, escrevem após a revolução francesa e a era das reformas prussianas, numa Europa cujo equilíbrio, desejado pelo congresso de Viena e Metternich, é regularmente colocado à prova por revoltas, a começar pelas revoluções de 1830. Assim, a época era com frequência interpretada como contendo uma renovação em curso: uma ebulição política que deveria resultar numa abolição geral do antigo regime, mas que ainda não consegue chegar a esse resultado, em função da repressão. A descontinuidade é também teórica: enquanto em Kant o caráter crítico da filosofia o permitia discorrer melhor a respeito dos objetos da teologia e do direito do que fazem essas disciplinas, esse mesmo caráter permite aos hegelianos de esquerda e, depois deles e com ainda mais ênfase, aos jovens hegelianos, negar tais objetos com mais profundidade. A situação e sua interpretação são, portanto, transformadas. De Kant, os hegelianos críticos herdaram um referencial, mas lhe concedem uma amplitude e um conteúdo novos.

A evolução dos movimentos hegeliano de esquerda e depois dele do jovem hegeliano toma corpo no âmbito desse conflito renovado das faculdades. Eles próprios pensam suas posições fazendo referência a esse conflito. A concorrência em torno de postos, bem como as rivalidades entre faculdades ou entre correntes de uma mesma faculdade constituem o primeiro horizonte prático de suas teorias, e possui uma influência sobre a evolução dessas teorias. Esclarecer esse aspecto dos movimentos hegelianos permite assim que se complete a interpretação interna de seu pensamento através de uma abordagem sócio-histórica. Neste artigo, propomos uma análise das maneiras principais pelas quais os hegelianos de esquerda e os jovens hegelianos conceberam suas teorias referindo-as a um novo conflito de faculdades, o resultado desse conflito, assim como a influência desse resultado sobre a evolução teórica desses filósofos.

#### *A retomada do conflito. Política das faculdades, de Kant aos jovens hegelianos*

O começo do século XIX, notadamente com a fundação por Humboldt da Universidade real Frederico Guilherme na Berlim de 1809, é a época do triunfo das universidades na Alemanha. Elas encarnam um lugar de ensino e de pesquisa que, por sua independência com relação aos governos (à diferença das Academias), é um espaço maior da vida cultural. A universidade

alemã está então dividida em quatro faculdades: direito, medicina, teologia e filosofia. Essa última inclui, além da filosofia propriamente dita, a astronomia, as matemáticas, a física, a química, a filologia, a história e a geografia. Contudo, nessa época houve uma inversão da hierarquia tradicional entre essas faculdades. Essa reviravolta ocorre em detrimento da faculdade de teologia que até então ocupava o lugar de “faculdade rainha”.<sup>1</sup> Com efeito, a partir de 1830, a proporção de estudantes inscritos na faculdade de filosofia aumenta significativamente. Ela se torna assim a nova faculdade bem sucedida.<sup>2</sup> Uma segunda mutação no meio acadêmico é o aumento do número de docentes precários, ou *Privatdozenten*, encarregados de cursos pagos unicamente pelas taxas estudantis daqueles que acompanhavam seus cursos. Em meio a esse grupo precarizado em expansão, observamos uma radicalização teórica e política. Gilbert Krebs fala a esse respeito, com razão, da emergência de “um novo tipo de professor político”: não se trata mais do professor titular de direito, prestigioso e liberal, mas sim do *Privatdozent* de filosofia, mais radical.<sup>3</sup> Os hegelianos de esquerda e, depois deles, os jovens hegelianos, pertencem a esse segundo perfil social. As universidades possuem efetivamente nessa época um papel central na oposição política alemã. Elas são, com a imprensa, o lugar da discussão e de formação do liberalismo,<sup>4</sup> e mesmo da agitação política.

Esse contexto explica o fato de que os hegelianos de esquerda concebem de início o enquadramento de sua ação liberal no âmbito universitário. O papel político e a relativa independência da universidade são defendidos por Ruge e Echtermeyer, que rejeitam toda “tutela” e “censura” do governo sobre as universidades.<sup>5</sup> Apesar da “custódia” imposta às universidades pelos Decretos de Karlsbad, que limitavam a liberdade de ensino e de publicações, uma censura em menor escala persiste para os escritos científicos universitários<sup>6</sup> — o que ajuda a tornar os cargos universitários preciosos e procurados.

Fazer uma carreira universitária é a ambição profissional de grande parte dos hegelianos de esquerda e depois deles dos jovens hegelianos, como Marx, Ruge, Feuerbach, B. Bauer,

---

<sup>1</sup> KREBS, G. Le rôle politique des universités allemandes entre 1815 et 1848. In: Knopper, F.; Merlio, G. (Orgs.). **Naissance et évolution du libéralisme allemand (1806-1848)**. Toulouse: PUM, 1995, p. 173. A esse respeito, cf. também ERBERLEIN, H.-P. **Bruno Bauer. Vom Marx-Freund zum Antisemiten**. Berlin: Karl Dietz, 2009, p. 17.

<sup>2</sup> KREBS. Le rôle politique des universités allemandes, p. 180.

<sup>3</sup> KREBS. Le rôle politique des universités allemandes, p. 176-178.

<sup>4</sup> KREBS. Le rôle politique des universités allemandes, p. 171.

<sup>5</sup> EIN WÜRTTEMBERGER [Ruge & Echtermeyer]. Karl Streckfuss und das Preussentum. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985, p. 118.

<sup>6</sup> BUNZEL, W. Form- und Funktionswandel des Junghegelianismus. In: Lambrecht, L. (Org.). **Entstehen des Öffentlichen – Eine andere Politik**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007, p. 22.

Köppen, Bayrhofer, Nauwerck, Prutz ou ainda Gottschall.<sup>7</sup> Em face das dificuldades que eles encontram nesse projeto, Ruge propõe como alternativa em 1839-1841 um efêmero projeto de “nova universidade”, mais independente.<sup>8</sup> Esse projeto atesta a proeminência da ambição e do modelo universitários: é ainda nesses termos que é inicialmente concebida por Ruge uma alternativa ao discurso público. Esse âmbito universitário é, com efeito, apresentado como necessário para a emancipação da ciência com relação a toda autoridade exterior. No entanto, Ruge não faz referência somente a essa autoridade dos governos e dos curadores, mas também à hierarquia interna das diferentes faculdades. Ecoando o enfraquecimento de sua hierarquia tradicional, Ruge se transforma num advogado das faculdades de filosofia: “faz-se dela [da filosofia], por todo lugar, um apêndice e uma servente das outras disciplinas, disciplinas práticas”.<sup>9</sup> A filosofia não poderia tornar-se verdadeiramente científica, pois ela encontra-se submissa aos interesses conservadores exteriores à ciência. As faculdades opostas são explicitamente designadas como representando esses interesses. Ruge denuncia assim a “submissão e a hostilidade, notadamente do lado dos teólogos e dos juristas”.<sup>10</sup>

Esse projeto de universidade nova que Ruge pretendia fundar em Dresden<sup>11</sup> não verá a luz do dia. O artigo que formula seu programa se divide entre uma exigência que a ciência se torne prática, ganhando uma influência sobre a vida, e uma rejeição da submissão da ciência à vida, no sentido de um estreitamento da vida prática. A articulação entre ciência e vida não deve, portanto, ser aquela da adoção imediata pela ciência dos objetivos pré-existentes da vida, os quais são definidos como objetivos religiosos, representados no meio universitário pelas faculdades de teologia, e dos objetivos políticos, próprios à restauração, representados pelas faculdades de direito e mais especificamente pelos juristas da escola histórica. Inversamente, a ciência (isto é, a filosofia) deve transformar ela mesma esses objetivos práticos. A ciência deve orientar a vida e não o inverso.

Esse conflito está ao mesmo tempo em continuidade e em descontinuidade com relação à situação conceituada por Kant em 1798 em *O conflito das faculdades*. Retomemos suas grandes linhas. Kant descreve as polêmicas entre as faculdades alemãs no contexto da recepção da

---

<sup>7</sup> ESSBACH, W. *Die Junghegelianer. Soziologie einer Intellektuellengruppe*. Munique: Wilhelm Fink, 1988, p. 117.

<sup>8</sup> RUGE, A. Vorwort zum Jahrgang 1841 der Hallischen Jahrbücher. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). *Die Hegelsche Linke*. Leipzig: Reclam, 1985, p. 208.

<sup>9</sup> RUGE, A. Vorwort zum Jahrgang 1841, p. 209.

<sup>10</sup> RUGE, A. Vorwort zum Jahrgang 1841, p. 209.

<sup>11</sup> RUGE, A. Carta a Robert Prutz de primeiro de dezembro de 1839. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). *Die Hegelsche Linke*. Leipzig: Reclam, 1985, p. 792.

revolução francesa e do reforço do controle sobre os candidatos nas faculdades de teologia — oficialmente, as faculdades rainhas distinguidas das três “faculdades inferiores”.<sup>12</sup> Como resultado da transferência de alunos para faculdades de direito em resposta a esses controles, essas últimas se tornam as faculdades mais importantes.<sup>13</sup> O texto é apresentado como uma defesa da faculdade de filosofia, principalmente contra um ataque proveniente das faculdades de direito: a tarefa de ensinar ao público o direito natural não compete à faculdade de direito mas sim “a professores livres de direito, isto é, aos filósofos”. Com efeito, a faculdade de filosofia ensina o direito natural, ao passo que a faculdade de direito ensina o direito positivo. Nessa diferença reside a maior verdade da filosofia, que lhe confere seu papel de educação do público. Kant amplia essa superioridade: a filosofia triunfa sobre todas as faculdades. Ele funda essa superioridade na natureza específica da filosofia, única ciência cuja relação com seu objeto é caracterizada pela “liberdade”<sup>14</sup>, o que a torna a única ciência “que possui como singular tarefa zelar pelo interesse da ciência” e que não precisaria sofrer intervenção do governo nos conteúdos ensinados.<sup>15</sup> Através dessa superioridade, somente a filosofia pode “fazer um julgamento” dessas intervenções do governo.<sup>16</sup> A filosofia seria efetivamente a única disciplina dentre as quatro que utiliza estritamente a razão. As outras três são, com efeito, o comentário de um escrito previamente dado cuja racionalidade elas não interrogam: a “Bíblia” para o “teólogo bíblico”, o “direito civil” (e não “natural”) para o “professor de direito”, e as “regulações médicas” (e não a “fisiologia do corpo humano”) para o “sábio em medicina”. Nessas disciplinas, colocar em causa os conteúdos pressupostos implica uma ofensa direcionada à “autoridade do poder”.<sup>17</sup> A faculdade de filosofia, a única “livre e dependente unicamente da legislação da razão e não daquela do governo”, tendo por objetivo a “verdade” e não sua “utilidade”, deve, portanto, ganhar a primazia dentre as faculdades: “ela tem como tarefa controlar as demais e lhes ser útil pois tudo depende da verdade”.<sup>18</sup> Essa inversão da hierarquia é operada a partir do estatuto crítico específico à filosofia, que conteria todos os outros saberes, e isso sem torná-los seu “conteúdo, mas sim o objeto de seu exame e de sua crítica”.<sup>19</sup> Por conta dessa dupla superioridade da filosofia, crítica e independente, a faculdade é, segundo a metáfora política inspirada

---

<sup>12</sup> KANT, I. *Le conflit des facultés*. Paris: Vrin, 1997, p. 15.

<sup>13</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 10.

<sup>14</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 17.

<sup>15</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 15.

<sup>16</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 17.

<sup>17</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 20-21.

<sup>18</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 27.

<sup>19</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 28.

no contexto francês, qualificada por Kant de “esquerda” ou “partido da oposição” “do parlamento da ciência”.<sup>20</sup>

O caso da faculdade de teologia merece um desenvolvimento mais amplo: seus membros são obrigados a pressupor a origem divina das Escrituras, e “a fé na Igreja”, sem demonstrar racionalmente os conteúdos religiosos.<sup>21</sup> Kant reconstrói assim as polêmicas entre as faculdades de filosofia e de teologia: ou bem as Escrituras são interpretadas literalmente e em bloco, a fim de justificar a “fé histórica”<sup>22</sup>; ou bem, ao contrário, a filosofia toma como objeto nas Escrituras um “cânone”, ou um conteúdo essencial da religião que seria de ordem moral<sup>23</sup> — essa redução moral da religião não será seguida pelos hegelianos de esquerda. Eles rejeitarão a escola kantiana do racionalismo teológico representada sobretudo por Heinrich Paulus.

Em que medida a situação universitária dos hegelianos de esquerda e suas tomadas de posição em face dela diferem desse texto redigido quase quarenta anos antes? Como em Kant, o conflito trata da atribuição de uma superioridade para uma faculdade contra as demais, e da última palavra que funda esse privilégio: qual disciplina é a mais apropriada para enunciar a verdade, notadamente nos domínios teológicos e exegéticos? Como em Kant, os hegelianos de esquerda invertem a hierarquia tradicional das faculdades em benefício da filosofia. Entretanto, esse conflito se complexifica durante o *Vormärz* com a integração da filosofia nas outras faculdades, sob a forma de uma filosofia hegeliana do direito defendida por Gans ou por uma filosofia hegeliana da religião defendida por exemplo por Marheineke, Strauss ou Bruno Bauer. Eles são vistos como toupeiras hegelianas pelos seus colegas juristas ou teólogos. O conflito, portanto, não é somente entre as faculdades, mas também em seu interior, como dá testemunho o “*Curriculum vitae*” de B. Bauer, redigido em outubro de 1839, que evidencia as polêmicas da faculdade de teologia berlinense contrapondo Marheineke, Schleiermacher, e depois Hengstenberg.<sup>24</sup>

A relação estabelecida por Kant e pelos hegelianos de esquerda entre a filosofia e as demais disciplinas difere, contudo, em sentido mais profundo. Trata-se, em Kant, de uma relação formal: todas as ciências utilizam os princípios filosóficos, pois a filosofia é a única ciência em sentido eminente. Nos hegelianos de esquerda, o primado concedido para a filosofia é mais

---

<sup>20</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 37.

<sup>21</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 21-22.

<sup>22</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 40.

<sup>23</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 39.

<sup>24</sup> BAUER, B. *Curriculum Vitae*. In: Barnikol, E. **Bruno Bauer, Studien und Materialien**. Assen: Van Gorcum & Comp., 1972, p. 517.

radical. Não se trata mais de pretender que as demais disciplinas utilizariam (de maneira incompleta) um método filosófico, mas de negar a essas disciplinas a capacidade de atingir uma verdade, por exemplo uma exegese justa para a teologia, se elas não forem subordinadas à filosofia. Assim, enquanto Kant descarta explicitamente uma leitura de sua tese cuja implicação seria que “a interpretação [das Escrituras] deve ser filosófica”<sup>25</sup>, Strauss afirma, por sua vez, que o conteúdo mesmo da teologia deve ser secularizado por sua subordinação à filosofia. Essa diferença funda o caráter teologicamente mais ortodoxo da escola racionalista teológica com relação aos hegelianos em geral. Strauss os critica por esse motivo.<sup>26</sup>

Enfim, a distinção operada por Kant entre dois públicos, a “comunidade de sábios” da audiência universitária e a “comunidade política”<sup>27</sup> mais ampla não é, num primeiro momento, seguida pelos hegelianos de esquerda. Dada a especificidade pós-revolucionária da situação desses hegelianos, e tendo em conta essas diferenças teóricas, parece, portanto, que as continuidades parciais entre sua relação com a universidade e aquela de Kant deve ser interpretada menos como um kantismo subterrâneo dos hegelianos de esquerda do que como a transformação de um mesmo problema: a significação política e religiosa da hierarquia das faculdades no espaço germânico a partir da revolução francesa. A continuidade evolutiva desse problema não deve nos conduzir a subestimar a dupla novidade representada pelos hegelianos de esquerda: a crescente radicalização irreligiosa da filosofia pensada como crítica, e a precarização, e posterior exclusão dos intelectuais da cena universitária.

### *Filosofia contra teologia e filosofia contra direito*

É nesse contexto de rivalidade e de polêmica exacerbadas entre as faculdades de filosofia e de teologia que, não somente a divisão da escola hegeliana, mas também as trajetórias profissionais, estudantis e teóricas de hegelianos como Marx e os irmãos Bauer podem ser explicadas. Um bom número de hegelianos de esquerda e de futuros jovens hegelianos são num primeiro momento estudantes de teologia. Contudo, eles acabaram se distanciando dessa disciplina em função das críticas a ela dirigidas. É notadamente o caso no meio dos amigos berlineses de Marx, como os irmãos Bauer e Köppen. Neles, a necessidade da crítica é associada a uma deserção da teologia e de suas faculdades, bem como a uma sátira a seu respeito.

---

<sup>25</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 41.

<sup>26</sup> Cf. por exemplo STRAUSS, D. F. *Streitschriften zur Verteidigung meiner Schrift über das Leben Jesu*. Tübingen: Osiander, 1837, p. 60, e *Streitschriften. Neue Ausgabe in einem Band*. Tübingen: Osiander, 1841, p. 61.

<sup>27</sup> KANT, *Le conflit des facultés*, p. 36.

Essa deserção e essa sátira contra as faculdades de teologia de Bonn e de Berlim é encenada na publicação pelos irmãos Bauer de sua correspondência datando do período no qual Bruno é *Privatdozent* em Bonn.<sup>28</sup> B. Bauer afirma, assim, que se relaciona com seus colegas teólogos a partir de sua “resolução para o princípio filosófico”.<sup>29</sup> O tom é fornecido por essa oposição: trata-se de dissociar a filosofia da teologia ou, mais precisamente, de autodissolver a teologia submetendo-a à filosofia. Sem chegar ao ponto de defender esse programa de autodissolução, é um programa de subordinação da teologia à filosofia que defende B. Bauer a partir de 1838 na abertura de sua *Crítica da história da revelação*: os fatos da revelação pressupõem o conceito da revelação do qual eles são a “expressão”. Por conseguinte, a exegese pressupõe “a filosofia da religião”.<sup>30</sup> A tese é, entretanto, mais negativa ainda na *Correspondência*: ela expõe uma relação teórica com a religião que implica sua negação e a rejeição da fé. Se Edgar afirma ter um interesse pela religião, ele salienta que “esse interesse é imensamente diferente da crença”, o que o “obriga a abandonar o círculo da teologia”.<sup>31</sup> A fé impede efetivamente a crítica das Escrituras e dos dogmas, crítica que a razão exige. Nessa correspondência, a figura do teólogo torna-se aquela de um personagem bufão, seja ele o vizinho de porta de Edgar, os colegas de Bruno em Bonn (notadamente Nitzsch, Bleek e Sack, que sofrerá a zombaria conjunta de Edgar e de Engels no poema heroico-satírico *O triunfo da fé*) ou mesmo Marheineke!<sup>32</sup> Em face de uma teologia que deve ser dissolvida, a filosofia é elevada ao patamar de ciência atual, que responde à necessidade da época, tese para a qual B. Bauer confere uma realidade universitária em sua carta a Marx de 28 de março de 1841: “Fichte afundou totalmente. Quase nenhum público! Eles sabem aqui [na faculdade de teologia de Bonn] que eles não são filósofos, mas que os estudantes querem escutar [*hören*, que significa também, como se sabe, seguir um curso] filosofia”.<sup>33</sup>

Em função de sua posição de teólogo defensor da filosofia, B. Bauer combate a teologia de seu interior. Ele se torna, assim, uma encarnação do conflito das faculdades. Consciente

---

<sup>28</sup> Essa publicação comporta índices de reescrita das cartas, sem que seja possível determinar sua amplitude. Cf. BAUER, Bruno & Edgar. **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer während der Jahre 1839-1842**. Charlottenburg: Egbert Bauer, p. 77.

<sup>29</sup> BAUER, B. Carta a Edgar de 21 de outubro de 1839. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 7.

<sup>30</sup> BAUER, B. **Kritik der Geschichte der Offenbarung. Die Religion des Alten Testaments**. Berlim: Dümmler, 1838, p. XVII.

<sup>31</sup> BAUER, E. Carta a Bruno de 29 de janeiro de 1840. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 38.

<sup>32</sup> Cf. por exemplo a carta de Edgar a Bruno de 29 de dezembro de 1839. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 28-29.

<sup>33</sup> BAUER, B. Carta a Marx de 28 de março de 1841. In: Marx, K. **Briefwechsel bis April 1846**. MEGA III/1. Berlim: Dietz, 1975, p. 352.

dessa posição, ele escreve na carta seguinte a Marx: “a luta contra a faculdade local de teologia talvez venha a se tornar cada vez mais séria: se meu livro já tivesse saído [trata-se da *Crítica dos evangelhos sinópticos*], o que ocorrerá em breve, eu daria mais uma boa sova”.<sup>34</sup> B. Bauer concebe, desse modo, seus livros como intervenções decisivas nesse conflito das faculdades opondo teologia e filosofia. Ele explicita aqui uma estratégia de luta cultural que tem por meio a universidade, e que visa uma expansão da luta contra a teologia a partir da faculdade de Bonn.

Quando E. Bauer deixa a teologia<sup>35</sup>, ele justifica essa saída em sua correspondência com Bruno. Terminando seu relato de uma reunião com Marheineke, ele conclui da seguinte maneira: “assistir uma vez a uma verdadeira lição de teologia foi bom para mim. Isso me levou à decisão de abandonar a teologia e de passar para a história”.<sup>36</sup> A passagem da teologia para a história (ensinada na faculdade de filosofia) é ao mesmo tempo disciplinar e institucional: trata-se de mudar de faculdade e de rejeitar a teologia como tal. A esse projeto de estudo da história se segue em E. Bauer um outro, de “estudar a filologia” (trata-se sempre da faculdade de filosofia) para tornar-se “professor”<sup>37</sup>, e depois disso “escritor”. Esse termo designa naquele momento a carreira na imprensa [*publicistique*] que consistia em viver através de sua pluma.<sup>38</sup>

Essas trajetórias profissionais e estudantis permitem que especifiquemos a figura que assume o “conflito das faculdades” para os hegelianos de esquerda ao final dos anos 1830. Esse conflito residia antes de tudo e essencialmente na oposição entre filosofia e teologia. A filosofia é afirmada como a nova rainha das ciências, superioridade que está ancorada no presente, sendo a filosofia identificada com a ciência da época, permitindo sua compreensão e a ação nessa mesma época, diferentemente da teologia, que pretende falar de uma realidade inexistente.

Essa oposição entre as faculdades de filosofia e de teologia é também dotada de um teor político por Köppen. Em seu *Frederico o grande*, ele identifica na “faculdade de teologia” a partir do século das luzes o posto avançado dos inimigos clericais da razão, “os padrecos [*prêtraille*]”.<sup>39</sup> Desse modo, a universidade incorpora, enquanto âmbito estatal, a oposição entre

---

<sup>34</sup> BAUER, B. Carta a Marx de 31 de março de 1841. In: Marx, K. **Briefwechsel bis April 1846**. MEGA III/1, p. 354-355.

<sup>35</sup> BAUER, E. Carta a Bruno de 29 de dezembro de 1839. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 22.

<sup>36</sup> BAUER, E. Carta a Bruno de 29 de dezembro de 1839. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 21.

<sup>37</sup> BAUER, E. Carta a Bruno de 12 de maio de 1841. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 142.

<sup>38</sup> BAUER, E. Carta a Bruno de 5 de julho de 1841. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 149.

<sup>39</sup> KÖPPEN, K. F. **Friedrich der Grosse und seine Widersacher**. In: Pepperle, H. (Org.). **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden**. Berlin: Akademie Verlag, 2003, p. 144-145.

o governo esclarecido que teria sido encarnado por Frederico II e a Igreja luterana. Desse fato, Köppen orgulha-se com insistência da rejeição da presença dos pietistas na universidade de Frederico II. Essa rejeição vale provavelmente como um contra-modelo do desligamento *de facto* de Ruge da universidade de Halle em função de seus colegas pietistas: “somente na ciência, e como professores da juventude, ele [Frederico II] não queria os tolerar [os pietistas e os membros da Igreja em geral]. Ele teria dito: ‘Não quero nem pastores nem judeus em minha academia’. Ele acrescenta, ainda mais claramente: “ele interdita explicitamente aos teólogos de ensinar a filosofia””.<sup>40</sup> Essa última observação manifesta de forma aberta a questão do conflito das faculdades de teologia e de filosofia para os hegelianos de esquerda durante o *Vormärz*: qual faculdade irá se infiltrar [*noyauter*] na outra? Serão os pastores ou os teólogos ortodoxos que colocarão os seus nas faculdades de filosofia, ou os hegelianos e os seus nas de teologia, a fim de ensinar a verdade religiosa ou a verdade racional e subordinar uma à outra?

É nesse mesmo âmbito polêmico universitário que Köppen publica nos *Anais de Halle*, em 1840-1841, “A universidade de Berlim” e “Historiadores berlinenses”. Esses dois artigos, sob a forma de uma apresentação da universidade berlinense, são um ajuste de contas com os adversários e concorrentes locais dos hegelianos. A significação geral dessa história é estabelecida de início por Köppen em seu primeiro artigo: a história da universidade de Berlim é “paralela”<sup>41</sup> à da Alemanha. Ali se exprime, com efeito, a luta entre o progresso e a reação que será constitutiva da história alemã depois da derrota de Jena em 1806. As oposições políticas alemãs são reproduzidas no interior da universidade, por exemplo na controvérsia entre o liberalismo de Schleiermacher e o “aristocratismo” de Savigny<sup>42</sup>, ou mais recentemente no triunfo reacionário marcado pela nomeação de Stahl para a cátedra do recém falecido Gans.<sup>43</sup> A evolução conjunta da Alemanha e da universidade de Berlim é, com efeito, colocada sob o signo da reação. Assim, a faculdade de teologia “se desenvolveu até o pietismo mais desprovido de pensamento e até a ortodoxia mais crassa”, seguindo uma série degenerescente de professores: Schleiermacher, Neander, Tholuck, Hengstenberg. Essa série encarna o reforço do “ódio da filosofia e a reação contra ela”.<sup>44</sup> A faculdade de direito não fica para trás: Köppen visa não somente a nomeação de Stahl, mas também a controvérsia entre Gans e Savigny: “as mesmas

---

<sup>40</sup> KÖPPEN. *Friedrich der Grosse und seine Widersacher*. In: Pepperle, H. (Org.). *Ausgewählte Schriften in zwei Bänden*, p. 169.

<sup>41</sup> KÖPPEN, K. F. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). *Ausgewählte Schriften in zwei Bänden*, p. 270.

<sup>42</sup> KÖPPEN. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). *Ausgewählte Schriften in zwei Bänden*, p. 281.

<sup>43</sup> KÖPPEN. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). *Ausgewählte Schriften in zwei Bänden*, p. 269.

<sup>44</sup> KÖPPEN. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). *Ausgewählte Schriften in zwei Bänden*, p. 285.

antipatias se manifestaram na faculdade jurídica” contra a filosofia.<sup>45</sup> A oposição a Hegel, ao lado de Thibaut, à escola histórica de direito<sup>46</sup>, teve sequência, portanto, após seu falecimento, notadamente por intermédio de Gans.

Nessa repartição, Köppen salva a faculdade de filosofia que aparece como o bastião da razão, quase identificada com a escola hegeliana a partir de 1820. A evolução reacionária é assim prospectivamente revertida pela identificação dessa mesma faculdade de Berlim como o local de preparação para a emancipação política alemã, no interior da faculdade de filosofia: “a obra dessa liberação de longo fôlego e definitiva do espírito e do povo alemães foi preparada na profundidade mais íntima e mais dissimulada, pela filosofia. E essa filosofia haveria de se impor em Berlim”.<sup>47</sup>

Essa afirmação triunfante da razão através da instituição universitária do hegelianismo não deixa de ser uma realidade histórica. Do momento em que Hegel estava vivo até 1840, a escola hegeliana se beneficiou do apoio do ministro de instrução e dos cultos, Altenstein, um dos herdeiros da era de reformas prussianas, e do alto-funcionário hegeliano (classificado à direita na escola<sup>48</sup>) instalado no ministério, Johannes Schulze.<sup>49</sup> Köppen descreve esse período de favor governamental ao retomar a ideia corrente segundo a qual “a filosofia hegeliana se transformou em filosofia real do Estado prussiano”.<sup>50</sup> Esse apoio ministerial motiva num primeiro momento uma confiança dos hegelianos em seu futuro profissional, inclusive quando suas tomadas de posição parecem os colocar em perigo. B. Bauer afirma, assim, a seu irmão Edgar: “a faculdade sabe que Altenstein está do meu lado e gostaria de me dar uma posição segura”<sup>51</sup>, isto é, transformar seu posto de *Privatdozent* em cátedra. Como ele desenvolve em *A Igreja evangélica da Prússia e a ciência*, o Estado prussiano seria aquele do progresso e da

---

<sup>45</sup> KÖPPEN. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden**, p. 285.

<sup>46</sup> A respeito dessa querela, cf. HEGEL, G. W. F. **Principes de la philosophie du droit**. Paris: PUF, 2003, p. 113-119, p. 300-302, e HATTENHAUER, H. (Org.). **Thibaut und Savigny. Ihre programmatischen Schriften**. Munique: Vahlen, 1973.

<sup>47</sup> KÖPPEN. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden**, p. 282.

<sup>48</sup> Cf. RUGE, A. Carta a Karl Rosenkranz de 16 de dezembro de 1837. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985, p. 579.

<sup>49</sup> Cf. por exemplo, SCHULZE, J. Carta a Ruge de 29 de junho de 1838. ALTENSTEIN, K. v. Carta a Ruge de 29 de maio de 1838. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985, p. 762, p. 764-5. Cf. também BAUER, E. Carta a Bruno de 29 de dezembro de 1839. In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 23.

<sup>50</sup> KÖPPEN. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden**, p. 284.

<sup>51</sup> BAUER, B. Carta a Edgar de 21 de outubro de 1839 In: **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer**, p. 9.

razão contra a religião, racionalidade encarnada por Frederico II e em seguida pela era de reformas. Nessa estratégia de lisonja do Estado, a Prússia ainda não encarna o Estado policial e burocrático que Ruge e Marx denunciarão depois de 1842.

A defesa das faculdades de filosofias contra as de teologia e de direito diz também respeito ao interior da filosofia hegeliana e seus diferentes domínios. Retornando, em 1842, para a história da escola hegeliana depois da morte de Hegel em *Schelling e a revelação*, Engels indica que “progressivamente, não se ouvia senão a mesmice dos teólogos e juristas que se queixavam da impertinência com a qual alguém que não era da profissão se introduzia em sua especialidade”.<sup>52</sup> Contudo, esses domínios de conflito externos do hegelianismo (sua concorrência universitária com a teologia e o direito) são também seus domínios de conflito interno: no interior da herança hegeliana, são esses os conflitos de interpretação em torno das filosofias da religião e do direito que engendram a divisão da escola. A crítica dos evangelhos por Strauss ocasiona efetivamente a divisão entre a esquerda, o centro e a direita. Nesse ponto, Marx faz a mesma associação numa nota de seu doutorado dedicada à situação atual situação da filosofia alemã:

Sua relação ao mundo é uma relação de reflexão. Animado pela pulsão de se efetuar, ele [o sistema hegeliano] entra em tensão contra o outro. A autossuficiência interna e o acabamento são destruídos. O que era uma luz interior se torna uma chama devorante que se volta ao exterior. Disso resulta (...) que sua efetuação é ao mesmo tempo sua perda; que aquilo contra o qual ela combate no exterior é o seu próprio defeito interior; que justamente na luta ela recai nos prejuízos que combate, ao contrário, como sendo prejuízos; e que ela só suprime esses prejuízos na medida em que recai neles. O que faz frente a ele e o que ele combate é sempre o mesmo que ele é, mas com fatores invertidos.<sup>53</sup>

Marx descreve aqui uma filosofia que combate fora de si mesma aquilo que também combate em si mesma. Essa interiorização revela também o embate disciplinar do conflito das faculdades: em sua rivalidade com as escolas não hegelianas de direito e de teologia, a escola hegeliana chega até a crítica das filosofias hegelianas do direito e da religião. Nesse sentido, os conflitos externos da escola hegeliana sobrepõem-se aos seus conflitos internos.

Esse posicionamento nos conflitos universitários da época é, aliás, o essencial do conteúdo político da tese de Marx. Em seu prefácio, ele apresenta a luta política da época como

---

<sup>52</sup> ENGELS, F. *Schelling und die Offenbarung*. In: *Werke, Artikel, Entwürfe bis August 1844*. MEGA I/3. Berlim: Dietz, 1985, p. 271.

<sup>53</sup> MARX, K. *Differenz der demokritischen und epikureischen Naturphilosophie nebst einem Anhang*. In: *Werke, Artikel, Literarische Versuche bis März 1843*. MEGA I/1. Berlim: Dietz Verlag, 1975, p. 68.

aquela da filosofia contra “espectros retrógrados”. Diante deles, Marx defende a “posição civil”<sup>54</sup> da filosofia, pelo que ele entende sua liberdade acadêmica. O pano de fundo dessa passagem é a fragilização da posição da escola hegeliana na universidade prussiana, e notadamente berlinense (Marx terminava naquele momento seus estudos em Berlim) com a nomeação feita por Frederico-Guilherme IV e Eichhorn em Berlim de Stahl e Schelling — cuja filha estava noiva do filho de Eichhorn. Marx apoia aqui, portanto, a filosofia hegeliana, nos conteúdos de seu ensino e no seu acesso às cátedras, ao mesmo tempo com relação à Igreja e ao governo. Em 1841, antes da destituição de B. Bauer, a defesa da posição universitária do hegelianismo pode, portanto, ainda representar para Marx a forma mais precisa de reivindicação política.

A filosofia não é, contudo, unicamente constituída de hegelianismo. Ele possui adversários também nas faculdades de filosofia. Nessas polêmicas intra-filosóficas, os hegelianos de esquerda e depois deles os jovens hegelianos conservam até o final de 1841 a escola hegeliana como um âmbito unitário, opondo a filosofia hegeliana em seu conjunto a seus adversários externos, necessariamente inferiores e que representavam um nível do desenvolvimento do espírito já ultrapassado por Hegel. Essa unidade está manifesta nas reações virulentas às primeiras lições berlinenses de Schelling, que unem Engels, Ruge, bem como velhos hegelianos como Michelet ou Marheineke. Aqui também, o conflito das faculdades dá a coloração do confronto interno que tem lugar na faculdade de filosofia. Schelling é com efeito atacado por Engels ou ainda por Ruge<sup>55</sup> como um teólogo escolástico desorientado nas faculdades modernas de filosofia. Não estando à altura da atualidade filosófica, ele seria mais um teólogo do que um filósofo, representante de uma autoridade religiosa e não da razão.

A partir da politização da esquerda hegeliana depois de 1838 sob a autoridade de Ruge, que conduz a batalha nos *Anais de Halle* contra Heinrich Leo na querela dos casais mistos de Colônia<sup>56</sup>, e depois, mais ainda, dos jovens hegelianos, cujas teorias são mais abertamente políticas, as faculdades de filosofia também entraram em conflito com as faculdades de direito. Essa querela herda da polêmica entre Hegel e Thibaut de um lado, e da escola histórica do

---

<sup>54</sup> MARX. *Differenz der demokritischen und epikureischen Naturphilosophie*, p. 14.

<sup>55</sup> RUGE, A. Schelling und die Offenbarung. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). *Die Hegelsche Linke*. Leipzig: Reclam, 1985.

<sup>56</sup> Em 1836, o Estado prussiano protestante, tendo anexado a Renânia em parte católica na sequência do Congresso de Viena, tenta impor que o princípio da educação das crianças de casais religiosamente mistos tenha lugar segundo a confissão do pai. A Igreja católica rejeita essa lei, na medida em que o casamento romano implica a promessa de educar seus filhos na fé católica. O conflito se agrava até a prisão do bispo ultramontano de Colônia, Clemens August Droste zu Vischering, em 1837. Essa prisão terá como resultado um recuo do Estado prussiano. É na ocasião dessa querela, na qual eles tomam partido a favor Prússia, que os hegelianos de esquerda se politizam, principalmente sob a liderança de Ruge.

direito de Hugo e Savigny de outro lado, em torno da questão de uma nova constituição alemã. Desse modo, Marx critica Hugo nas colunas da *Gazeta renana*.<sup>57</sup> No entanto, não são somente os juristas conservadores como os da escola histórica, ou os claramente reacionários como Stahl, que os jovens hegelianos têm na mira. Eles se opõem de maneira crescente às grandes figuras liberais que ensinam, em sua maioria, nas faculdades de direito.

As duas figuras maiores do movimento liberal alemão, Rotteck e Welcker, como a maior parte dos professores políticos desse movimento, são juristas. A reticência deles em relação à filosofia, e particularmente em relação à filosofia hegeliana, é encontrada na “Introdução enciclopédica geral” do *Staatslexikon* que exclui a filosofia das ciências do Estado.<sup>58</sup> Ao contrário, os jovens hegelianos reivindicam uma melhor conceitualização da realidade política pela filosofia (no caso, hegeliana) e não do direito, e a possibilidade de tirar as consequências políticas mais radicais dessa conceitualização. Também aqui, o conflito entre direito e filosofia difere da sua versão kantiana. Com efeito, diante do direito, a filosofia jovem hegeliana quer ser uma encarnação não mais, como em Kant, de um direito natural e a-histórico, mas sim a tendência histórica da época e o discurso contestatório em face do direito existente. Contra os defensores do direito liberal, os jovens hegelianos mobilizam novamente a crítica hegeliana do contratualismo e do jusnaturalismo, pressupondo um isolamento primário das vontades individuais e extraíndo a norma jurídico-política do devir histórico.<sup>59</sup> Essa oposição levará a maioria dos jovens hegelianos a finalmente romper com o liberalismo para desenvolver posições mais radicais, notadamente democráticas, comunistas e anarquistas.

### *A derrota e a radicalização dos jovens hegelianos*

O projeto dos hegelianos de esquerda e depois deles, de maneira efêmera, dos jovens hegelianos, de situar sua luta política centralmente na arena universitária resultou num fracasso. Eles serão, assim, rapidamente excluídos ou marginalizados nesse espaço. A trajetória universitária dos hegelianos de esquerda é marcada por carreiras impedidas ou abortadas. Antes mesmo que a divisão da escola seja formalizada, é esse o caso para Feuerbach. *Privatdozent* em Erlangen a partir de 1828, depois de numerosas tentativas sem sucesso de obter uma cátedra,

---

<sup>57</sup> MARX, K. Das philosophische Manifest der historischen Rechtsschule. In: **Werke, Artikel, Literarische Versuche bis März 1843. MEGA I/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975.

<sup>58</sup> WELCKER, K. T. Allgemeine enzyklopädische Einleitung. In: Rotteck, K. v.; Welcker, K. T. (Orgs.) **Staatslexikon**. Vol. 1, Altona: Hammerich, 1834, p. 35.

<sup>59</sup> HEGEL. **Principes de la philosophie du droit**, p. 335; BAUER, E. Le Juste-Milieu. In: ENGELS, F. **Écrits de jeunesse, volume 1 (1939-1842)**. Paris: Les Éditions Sociales, 2015, p. 383-388.

ele é obrigado a se demitir na sequência da revelação de sua autoria da obra *Pensamentos sobre a morte e a universalidade*, publicação escandalosa que nega a imortalidade da alma individual. Ruge, por sua vez, é vítima de conspirações por parte de seus colegas ortodoxos da universidade de Halle, levadas a cabo pelo anti-hegeliano Heinrich Leo.<sup>60</sup> Altenstein não podendo atender seu pedido de obtenção de uma cátedra, Ruge é obrigado a se demitir no final de 1839. Porém, o caso de maior visibilidade foi o de Strauss, nomeado em 1839 professor de teologia na universidade de Zurique. Sua nomeação canaliza o conflito entre os liberais então no poder no cantão, de um lado, e os conservadores clericais, de outro. Esse pretexto conduz a um golpe dos conservadores em 6 de setembro, e Strauss é aposentado.<sup>61</sup>

Assim, a despeito da confiança de B. Bauer em Altenstein, torna-se cada vez mais difícil aos hegelianos de esquerda fazer carreira na universidade. Ruge dá testemunho dessa dificuldade no final de 1839: “Mesmo Bruno Bauer, eles não puderam dar a ele um posto de professor. (...) Altenstein disse a Schulze: ‘Você quer que eu arrisque tudo?’”<sup>62</sup> A situação torna-se ainda mais desfavorável para os hegelianos, dessa vez de modo geral, com a morte de Altenstein em 14 de maio de 1840. Seu sucessor, Friedrich Eichhorn, é um conservador assim como um adversário declarado do hegelianismo. Essa hostilidade é compartilhada pelo novo soberano que sobe ao trono quase simultaneamente, em 7 de junho de 1840, e que declara desejar combater a “semente de dragão do panteísmo hegeliano”.<sup>63</sup> No começo dos anos 1840, o privilégio concedido aos hegelianos no acesso aos postos universitários é então revogado, e os hegelianos de esquerda são as primeiras vítimas dessa reviravolta.

Contudo, é com a cisão jovem hegeliana que será precipitada a derrota dos hegelianos críticos no conflito das faculdades. Sua radicalização ateia, bem como o endurecimento conservador na liderança do Estado prussiano, explica esse fracasso e o alimenta. Ele está encarnado no caso de B. Bauer. Na faculdade de teologia protestante de Bonn, sua tática é clara: a presença da filosofia, teórica e institucionalmente, no âmbito teológico, deve ser utilizada para minar a teologia a partir de seu interior. Esse trabalho de sabotagem que consistia inicialmente numa simples crítica assume gradualmente em B. Bauer a figura de uma dissolução da teologia. Essa

---

<sup>60</sup> RUGE, A. Carta a Rosenkranz de 17 de novembro de 1839. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985, p. 788.

<sup>61</sup> Sobre esse chamativo “caso Strauss”, cf. HINDEBRANDT, W. **Der ‘Straussenhandel’ in Zürich (1839) im Spiegel der zeitgenössischen Literatur**. Zurique: Zwingli, 1939.

<sup>62</sup> RUGE. Carta a Rosenkranz de 17 de novembro de 1839, p. 790.

<sup>63</sup> Frederico Guilherme IV: carta a von Rochow de 14 de outubro de 1841, citada por Xavier Tilliette: **Schelling, une philosophie en devenir**. Segundo tomo, Paris: Vrin, 1970, p. 234.

dissolução será por ele afirmada como tal: a solução (filosófica) do problema teológico destrói a teologia.<sup>64</sup>

Contudo, essa tática será usada contra a hostilidade do governo e de Frederico Guilherme IV. Como consequência do brinde que B. Bauer fez, quando da manifestação em apoio ao jurista Welcker em Berlim, para a filosofia política hegeliana na qual ele enxergava uma maneira de radicalizar o liberalismo dos professores de direito, o governo procura removê-lo de seu cargo. O meio para tanto é encontrado na presumida incompatibilidade entre as posições ateias que ele defende em sua *Crítica dos evangelhos sinópticos* e sua posição de professor na faculdade de teologia. Essa questão é colocada pelo governo para as diferentes faculdades prussianas de teologia protestante. Todas, com exceção daquela de Bonn onde Bauer ensinava, respondem apoiando-o em nome da liberdade acadêmica. Mas o caso de Bonn é suficiente e serve de pretexto para que o governo retire a *licentia docendi* de Bauer em 29 de março de 1842. Bauer é assim destituído da universidade, e essa destituição significa para todos os jovens hegelianos que, como Marx, esperavam uma carreira universitária, que essa via estava agora fechada. Esse caso é tão traumático e emblemático que Engels e E. Bauer o utilizam como base de seu poema satírico, *O triunfo da fé*. Apresentado como um novo Fausto, B. Bauer lidera os jovens hegelianos em seu ataque ao paraíso, frustrado pelo seu colega schleiermacheriano de Bonn, Sack. Sua derrota ocorre unicamente pela intervenção de Deus que faz cair do céu seu aviso de remoção!<sup>65</sup> Assim, é claramente a intervenção do governo e de Frederico Guilherme IV que é descrita como tendo resolvido o conflito das faculdades em favor dos teólogos contra os filósofos, e dos crentes contra os ateus. Como assinala o desfecho de *O triunfo da fé*, não é a luta científica, mas a intervenção do governo pela revogação de Bauer, que decidiu o resultado do conflito.

Esse caso fez romper o âmbito da escola hegeliana que os jovens hegelianos tinham mantido unido quando até então a questão era se opor aos adversários externos da escola. Agora, certos de que não iriam longe na carreira universitária, eles não mais contam com o apoio dos velhos hegelianos, como Marheineke, que apoiava B. Bauer. Contudo, sua defesa de seu antigo aluno foi julgada muito suave pelos jovens hegelianos. Marheineke publica, com efeito, seu *Separatvotum* argumentado em resposta a questão do governo. Ele indica que Bauer deve ser

---

<sup>64</sup> BRUNO, B. Carta a Ruge de 6 de dezembro de 1841. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985, p. 830-831. Cf. também a carta de Bauer a Ruge de 24 de novembro de 1841, citada por Ernst Barnikol em **Bruno Bauer, Studien und Materialien**, p. 61.

<sup>65</sup> ENGELS, F.; BAUER, E. Le triomphe de la foi. In: ENGELS, F. **Écrits de jeunesse, volume 1 (1939-1842)**. Paris: Les Éditions Sociales, 2015, p. 280.

mantido, mas na faculdade de filosofia e não mais na de teologia, disciplina que ele parece ter abandonado.<sup>66</sup> Ele apoia, portanto, uma compartimentação facultativa das disciplinas, lá onde Bauer queria ganhar o conflito das faculdades ao derrubar a teologia a partir de seu interior pela filosofia. Esse apoio ambíguo causa ira nos jovens hegelianos com relação a Marheineke e provoca a ruptura da última aparência de unidade da escola hegeliana.

Para encontrar uma fonte de renda, os jovens hegelianos são assim obrigados a se desviar da universidade para se tornarem jornalistas ou escritores. Contudo, a partir de 1842, eles utilizam a seu benefício esse “banimento do serviço público”<sup>67</sup> através de uma teoria *ad hoc* da prática. Essa palavra de ordem de uma passagem para a prática não designa um abandono da teoria para que se passe para a ação política, mas muito mais uma transformação na maneira de se fazer a teoria. Ela solicita uma alteração do formato da filosofia, passando do longo livro ao artigo de jornal e ao folheto, e uma alteração de objeto, que deve ser mais próximo da atualidade, uma alteração de destinatário, passando do público universitário dos estudantes e colegas ao público mais amplo de leitores de jornais (portanto, principalmente a classe média e burguesa cultivada), e uma alteração do lugar de exercício, passando da universidade para a imprensa. Essa passagem para a prática melhoraria a própria filosofia, tornando-a mais concreta, mais às voltas com sua época, e mais suscetível de ter efeitos políticos. Os jovens hegelianos transformam assim sua derrota no conflito das faculdades ao depreciar, de agora em diante, esse espaço no qual eles tentaram ganhar hegemonia. A universidade é doravante triturada como lugar da ciência abstrata, cortada dos desafios da “vida”.<sup>68</sup> É através da imprensa [*publicistique*] que a filosofia pode verdadeiramente ganhar em efetividade.

Esse deslocamento social da atividade teórica não ocorre sem impacto sobre a maneira pela qual os jovens hegelianos pensaram o espaço sociopolítico. Enquanto que, até a obra *A Igreja evangélica da Prússia*, Bauer, como também os hegelianos de esquerda, faziam, na esteira de Hegel, do Estado a efetuação prática da razão e o vetor do progresso, essa posição não pode mais ser tomada uma vez que eles são destituídos de seu serviço. Implantando agora sua atividade na sociedade civil, é gradualmente essa esfera que uma parte deles passa a conceber como vetor de progresso contra o conservadorismo do Estado. Essa reviravolta é particularmente observável em Marx, que defende a capacidade de auto-organização da sociedade civil

---

<sup>66</sup> MARHEINEKE, P. *Einleitung in die öffentlichen Vorlesungen über die Bedeutung der Hegelschen Philosophie in der christlichen Theologie. Nebst einem Separatvotum über B. Bauers Kritik der evangelischen Geschichte*. Berlim: Enslin, 1842, p. 86.

<sup>67</sup> ESSBACH, *Die Jungehegelianer*, p. 124-131.

<sup>68</sup> Cf. notadamente RUGE, A. Plan des *Annales-franco-allemandes*. In: ENGELS, F.; MARX, K. *Annales franco-allemandes*. Paris: Éditions Sociales, 2020.

no *Manuscrito de Kreuznach*, antes de indicar a necessidade de transformá-la de maneira socialista a partir de seus artigos nos *Anais franco-alemães*.

### Conclusão

Se o contexto evoluiu depois de Kant, os jovens hegelianos herdaram uma situação universitária na qual a rivalidade entre as diferentes faculdades pode ser mobilizada a serviço de polêmicas teóricas e políticas. Contudo, esse conflito das faculdades é mais um simples motivo que vincula esses dois períodos do que um sinal de continuidade teórica. Kant permanece uma referência menor para os jovens hegelianos<sup>69</sup>, esmagada pela referência central a Hegel — mesmo quando se trata de criticar este último.

Reencenar o conflito das faculdades foi para os jovens hegelianos uma aposta perdida. A radicalidade de sua teoria é julgada muito grande pelo governo para ser compatível com o campo universitário. É esse fracasso que os precipita no campo da imprensa [*publicistique*], e assim do Estado para a sociedade civil. Contextualizar de maneira histórica e sociológica esse episódio seminal da evolução do jovem hegelianismo permite também um esclarecimento teórico. Com efeito, essa precarização da franja mais virulenta da intelligentsia não foi filosoficamente ineficaz. Ela leva os jovens hegelianos a investir na sociedade civil como lugar de pressão progressista sobre o Estado, ou mesmo, posteriormente, de resistência ao Estado, em vez de os levar a tentar exercer essa pressão a partir do interior do Estado, através da universidade. Assim, a deterioração da situação social dos jovens hegelianos teve um efeito politicamente radicalizante sobre eles: ela foi para eles a condição de possibilidade para que posições socialistas, comunistas ou ainda anarquistas fossem adotadas (principalmente em Hess e Edgar Bauer), marcada por uma distância crítica, e mesmo por uma hostilidade global em relação ao Estado.

### BIBLIOGRAFIA

ALTENSTEIN, Karl vom. Carta a Ruge de 29 de maio de 1838. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.

BRUNO, Bruno. Carta a Ruge de 24 de novembro de 1841. In: Barnikol, E. **Bruno Bauer, Studien und Materialien**. Assen: Van Gorcum & Comp., 1972.

---

<sup>69</sup> Mesmo em Ruge, o mais eclético dos jovens hegelianos, a referência a Kant (RUGE, A. Vorwort zum Jahrgang 1841 der 'Deutschen Jahrbücher'. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985, p. 227) permanece pontual e aparece somente marginalmente para emendar um referencial teórico e conceitual globalmente hegeliano.

- BAUER, Bruno. Curriculum Vitae. In: Barnikol, E. **Bruno Bauer, Studien und Materialien**. Assen: Van Gorcum & Comp., 1972.
- BAUER, Bruno. **Kritik der Geschichte der Offenbarung. Die Religion des Alten Testaments**. Berlin: Dümmler, 1838.
- BAUER, Bruno. Carta a Marx de 28 de março de 1841. In: Marx, K. **Briefwechsel bis April 1846. MEGA III/1**. Berlin: Dietz, 1975.
- BAUER, Bruno. Carta a Marx de 31 de março de 1841. In: Marx, K. **Briefwechsel bis April 1846. MEGA III/1**. Berlin: Dietz, 1975.
- BAUER, Bruno & Edgar. **Briefwechsel zwischen Bruno Bauer und Edgar Bauer während der Jahre 1839-1842**. Charlottenburg: Egbert Bauer.
- BAUER, Edgar. Le Juste-Milieu. In: ENGELS, F. **Écrits de jeunesse, volume 1 (1839-1842)**. Paris: Les Éditions Sociales, 2015
- BUNZEL, Wolfgang. Form- und Funktionswandel des Junghegelianismus. In: Lambrecht, L. (Org.). **Entstehen des Öffentlichen – Eine andere Politik**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.
- EIN WÜRTTEMBERGER [RUGE, Arnold & ECHTERMEYER, Ernst Theodor]. Karl Streckfuss und das Preussentum. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- ENGELS, Friedrich. **Schelling und die Offenbarung**. In: **Werke, Artikel, Entwürfe bis August 1844. MEGA I/3**. Berlin: Dietz, 1985.
- ENGELS, Friedrich; BAUER, Edgar. Le triomphe de la foi. In: ENGELS, F. **Écrits de jeunesse, volume 1 (1839-1842)**. Paris: Les Éditions Sociales, 2015.
- ERBERLEIN, Hermann-Peter. **Bruno Bauer. Vom Marx-Freund zum Antisemiten**. Berlin: Karl Dietz, 2009.
- ESSBACH, Wolfgang. **Die Junghegelianer. Soziologie einer Intellektuellengruppe**. Munique: Wilhelm Fink, 1988.
- FREDERICO GUILHERME IV. Carta a von Rochow de 14 de outubro de 1841. In: TILLIETTE, Xavier. **Schelling, une philosophie en devenir**. Segundo tomo, Paris: Vrin, 1970.
- HATTENHAUER, Hans. (Org.). **Thibaut und Savigny. Ihre programmatischen Schriften**. Munique: Vahlen, 1973.
- HEGEL, G. W. F. **Principes de la philosophie du droit**. Paris: PUF, 2003.
- HINDEBRANDT, Walter. **Der 'Straussenhandel' in Zürich (1839) im Spiegel der zeitgenössischen Literatur**. Zúrique: Zwingli, 1939.
- KANT, I. **Le conflit des facultés**. Paris: Vrin, 1997.
- KÖPPEN, Karl Friedrich. **Friedrich der Grosse und seine Widersacher**. In: Pepperle, H. (Org.). **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden**. Berlin: Akademie Verlag, 2003.
- KÖPPEN, Karl Friedrich. Die Universität Berlin. In: Pepperle, H. (Org.). **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden**. Berlin: Akademie Verlag, 2003.

- KREBS, Gilbert. Le rôle politique des universités allemandes entre 1815 et 1848. In: Knopper, F.; Merlio, G. (Orgs.). **Naissance et évolution du libéralisme allemand (1806-1848)**. Toulouse: PUM, 1995.
- MARHEINEKE, Philipp. **Einleitung in die öffentlichen Vorlesungen über die Bedeutung der Hegelschen Philosophie in der christlichen Theologie. Nebst einem Separatvotum über B. Bauers Kritik der evangelischen Geschichte**. Berlin: Enslin, 1842
- MARX, Karl. **Differenz der demokritischen und epikureischen Naturphilosophie nebst einem Anhang**. In: **Werke, Artikel, Literarische Versuche bis März 1843. MEGA I/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975.
- MARX, Karl. Das philosophische Manifest der historischen Rechtsschule. In: **Werke, Artikel, Literarische Versuche bis März 1843. MEGA I/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975.
- RUGE, Arnold. Vorwort zum Jahrgang 1841 der Hallischen Jahrbücher. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- RUGE, Arnold. Carta a Robert Prutz de primeiro de dezembro de 1839. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- RUGE, Arnold. Carta a Karl Rosenkranz de 16 de dezembro de 1837. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- RUGE, Arnold. Carta a Rosenkranz de 17 de novembro de 1839. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- RUGE, Arnold. Schelling und die Offenbarung. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- RUGE, Arnold. Vorwort zum Jahrgang 1841 der 'Deutschen Jahrbücher'. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- RUGE, Arnold. Plan des *Annales-franco-allemandes*. In: ENGELS, F.; MARX, K. **Annales franco-allemandes**. Paris: Éditions Sociales, 2020
- SCHULZE, Johannes. Carta a Ruge de 29 de junho de 1838. In: Pepperle, Heinz & Ingrid (Orgs.). **Die Hegelsche Linke**. Leipzig: Reclam, 1985.
- STRAUSS, David Friedrich. **Streitschriften zur Verteidigung meiner Schrift über das Leben Jesu**. Tübingen: Osiander, 1837.
- STRAUSS, David Friedrich. **Streitschriften. Neue Ausgabe in einem Band**. Tübingen: Osiander, 1841.
- WELCKER, Karl Theodor. Allgemeine enzyklopädische Einleitung. In: Rotteck, K. v.; Welcker, K. T. (Orgs.) **Staatslexikon**. Vol. 1, Altona: Hammerich, 1834.

RECEBIDO EM 24/03/2025

ACEITO EM 26/04/2025